

MATERIALIDADE, MEMÓRIAS, TRADIÇÕES E ABANDONOS: PRODUÇÃO ATUAL DE OBJETOS TRANÇADOS NA CIDADE DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO ENTORNO

MATERIALITY, MEMORIES, TRADITIONS AND ABANDONMENTS: CURRENT PRODUCTION OF WOVEN OBJECTS IN SÃO RAIMUNDO NONATO-PI AND TRADITIONAL COMMUNITIES AROUND

Luara Ferreira Lima¹

luaraflima97@gmail.com

Rodrigo Lessa Costa²

rodrigo.lessa@univasf.edu.br

RESUMO

O presente trabalho buscou resgatar em comunidades tradicionais do Sudeste do Piauí a prática da manufatura de objetos trançados em fibras vegetais, também conhecidos como cestarias. Observou-se ao longo de visitas e entrevistas com artesãos de três localidades rurais, uma delas no interior de um território quilombola, o Quilombo Lagoas, que a produção desse tipo de objeto permanece residualmente, utilizando-se de uma mesma técnica produtiva, o cruzado, bem como de uma mesma matéria prima, o cipó. A sobrevivência deste conhecimento depende exclusivamente da realização de ações de educação patrimonial e conscientização ambiental dentro das comunidades, de modo a restaurar a autoestima dos artesãos idosos e, sensibilizar as pessoas mais jovens, garantindo assim a transmissão desse conhecimento milenar.

Palavras chave: arqueologia do presente; fibras vegetais; cestaria; cultura-material; cadeia operatória.

ABSTRACT

This paper intended to rescue inside Southeast Piauí traditional communities the practice of fiber plant woven objects manufacturing, also called basketry. During visits and interviews with artisans in three countryside communities, one of them a Maroon, named Lagoa das Emas, it was observed the production of this kind of technology continues just residually, the same technique is used, plated, as well the same raw material, a specific kind of vine. Survival of that knowledge depends exclusively of heritage education activities achievement, as well of an environmental awareness into the communities themselves in order to restore elderly artisans self-esteem and call attention to young people. That's the only way to guarantee that milenar knowledge preservation.

Keywords: archaeology of the present; fiber plant, basketry; material culture; chain of activities.

¹ Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF.

² Doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional (MN/UFRJ). Professor do Programa de Pós-graduação em Arqueologia e do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF.

INTRODUÇÃO

A velocidade descomunal com a qual novas tecnologias e produtos chegam as prateleiras dos shoppings e supermercados tem resultado no abandono de práticas tradicionais seculares ou até mesmo milenares. Alguns desses produtos e tecnologias ofertados pela modernidade, extremamente banais aos nossos olhos, como panelas de metal, facas, sacos e vasilhas plásticas, praticamente substituíram a cerâmica, todo o instrumental de pedra e o trabalho com fibras vegetais, que no âmbito arqueológico, através do estudo dos seus resíduos, possibilitam compreender a variabilidade cultural das sociedades pretéritas. Num contexto global, vivencia-se aquilo que, ao opor história e memória, Pierre Nora (1993) chama do fim das sociedades-memória, aquelas que asseguram a conservação e transmissão de valores, na medida que se valoriza a efemeridade da atualidade. Felizmente, algumas comunidades residentes em localidades rurais, afastadas dos grandes centros de consumo, preservam fragmentos desse conhecimento tradicional, por vezes incentivados pela possibilidade de obtenção de alguma renda complementar, garantindo que, por exemplo em períodos de seca, consigam acesso ao mínimo para sua subsistência.

Sendo assim, esta pesquisa teve por objetivos registrar e documentar a produção de objetos trançados em fibras vegetais (também conhecidos por cestaria), bem como as técnicas e matérias-primas utilizadas para este fim por artesãos da cidade de São Raimundo Nonato e zona rural do município de São Lourenço do Piauí. Pretendeu-se ainda, classificar de acordo com a técnica empregada (torcido, costurado, cruzado) os objetos analisados (Cf. ADOVASIO, 1977; COSTA, 2016). E por fim, propor soluções para evitar a perda da memória da produção de objetos de fibras vegetais, assim como de outros conhecimentos tradicionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Pouca atenção tem sido dada a cultura material sertaneja. Ao passo que os arqueólogos se interessam por temas mais “nobres” e cronologicamente recuados, os antropólogos, que estudam as sociedades contemporâneas, tradicionalmente constroem suas etnografias a partir de outros meios, alheios a cultura material. As sociedades ditas sertanejas, fundadas na mistura de elementos culturais de procedências diversas, na maioria das vezes impossíveis de serem mapeados, tampouco estão no *mainstream* acadêmico, abordadas apenas nas pesquisas sociológicas que buscam discutir fenômenos como a pobreza, analfabetismo e outras mazelas sociais. Sendo assim, temas como o aqui posto não gozam de prestígio intelectual, ficando resignados a uma espécie de limbo científico. Com exceção da área do Quilombo Lagoas, que concentra atualmente pesquisas nos domínios antropológico e etnoarqueológico, nas demais áreas estudadas, pouca importância tem sido atribuída aos seus conhecimentos tradicionais. Sendo assim, concomitantemente ao valor acadêmico obtido pelos resultados dessa pesquisa, ao resgatar e valorizar tais práticas buscou-se contribuir para com uma melhoria na autoestima das pessoas e comunidades envolvidas.

Por se tratar de pesquisa de caráter exploratório, buscou-se investigar a existência de artesãos que produzissem cestos e outros objetos manufaturados em fibras vegetais, tais quais esteiras, sandálias, chapéus, entre outros itens.

Os caminhos utilizados para alcançar-se os objetivos enumerados perpassaram num primeiro momento pela construção de uma fundamentação teórica e metodológica adequada. Esta foi constituída a partir de levantamento bibliográfico, realização de leituras e discussões acerca do tema. Num segundo momento se fez a identificação de artesãos dispostos a contribuir com a pesquisa nos municípios circunvizinhos de São Raimundo Nonato e São Lourenço do Piauí. Essa etapa aconteceu através de visitas em feiras, mercados públicos e comunidades tradicionais, como por exemplo no território quilombola Lagoas, localizado na área rural de São Raimundo Nonato. Durante as visitas realizadas aos artesãos foi possível registrar por meio de conversas, entrevistas, reconhecimento de materiais em fase de produção e também peças acabadas, muitas das quais em uso, ou praticamente descartadas, os conhecimentos e produções de peças de cestaria.

Foram observadas as técnicas utilizadas na produção das peças a partir da metodologia descrita por Adovasio (1977) e aplicada em materiais de procedência arqueológica no Brasil por Costa (2016) e Costa e Lima (2016). Nessa abordagem os objetos são classificados a partir da técnica predominante de junção ou sobreposição das fibras na sua construção, podendo ser: torcido, costurado (em rolos), ou cruzado. Na primeira técnica elencada, o torcido, as fibras ativas, também denominadas de trama, são inseridas em pares de tiras torcidas de maneira intercalada sobre outras. Estas não têm qualquer ação na construção, e são denominadas urdidura. Em geral a trama se desenvolve horizontalmente, enquanto a urdidura está disposta na vertical. Na técnica costurada, pouco comum na produção cesteira do nordeste do Brasil, os objetos são construídos de forma inversa. O elemento ativo desenvolve-se verticalmente, intercalando-se sobre uma estrutura horizontal. As fibras podem ser de fato costuradas, o que faz com que essa seja a única técnica que não dependa apenas do trabalho manual, necessitando de agulhas e outros implementos simples. Na técnica cruzada não há qualquer hierarquia entre as fibras envolvidas. As tiras são sobrepostas desde a forma mais simples que é o padrão 1/1, que compõe o efeito conhecido como xadrezado, ou com intercalações mais complexas, de modo a formar distintos padrões decorativos, podendo estar presente ou não o tingimento.

Uma série de variações dessas técnicas está descrita por Adovasio (1977). Diferentes formas dos objetos trançados produzidos por grupos indígenas brasileiros e sul-americanos são respectivamente elencadas e descritas por Ribeiro (1988) e O'Neale (1987).

O registro das entrevistas com os artesãos foi feito através de gravações autorizadas por eles. Estas foram realizadas apenas após algumas visitas e conversas informais com os artesãos que objetivaram, inicialmente, estabelecer com eles uma relação de confiança. Só a partir de então procedeu-se as entrevistas e demonstração dos objetos que gerariam os dados para nossa pesquisa. Contudo, durante essas visitas iniciais foi possível realizar observações preliminares tanto sobre a técnica de trançar cestos, quanto sobre aspectos da vida cotidiana e economia das comunidades.

Obviamente, todas essas etapas tiveram registro fotográfico que na medida do possível visou documentar as peças, gestos, processos e materiais componentes.

RESULTADOS

Durante o segundo semestre do ano de 2017 visitou-se o mercado produtor de São Raimundo Nonato com intuito de identificar artesãos que pudessem contribuir com esta pesquisa. Visitamos no mesmo período o artesão Sr. Jonas, residente na comunidade Fechadão (também conhecida como Fachadão), município de São Raimundo Nonato. Nos meses de abril e maio realizou-se uma visita a comunidade Lagoa do Barro no município de São Lourenço do Piauí a fim de conhecer o artesão Paulo Sousa dos Santos, de 70 anos de idade, e seu trabalho de cestaria. No mês de junho entrevistou-se o artesão Raimundo Pereira Marques, de 76 anos, que reside no território Quilombo Lagoas, São Raimundo Nonato Piauí. As visitas e entrevistas buscaram registrar e documentar as diferentes formas de confecção e aplicações que a arte de trançar recebe na região. A necessidade da produção desse registro reside no fato de que assim como outros trabalhos manuais de origens imemoriais, essa prática é desempenhada por poucos hoje em dia, e a existência de evidente desinteresse das novas gerações em aprendê-la, o que tem ocasionado na perda dessa expressão cultural e social.

O Senhor Jonas de 76 anos, o principal artesão vivo atualmente, vinculado a essa prática, que reside na comunidade Fechadão, relata que produz cestaria desde a juventude. Durante uma conversa livre o colaborador relata que aprendeu a prática observando o tio avô de nome José Grande, já falecido. Embora indique que nessa comunidade essas foram as únicas pessoas que se dedicaram a esse tipo de produção, afirma que outras pessoas trabalhavam com o cipó e outros tipos de produção. O Sr. Jonas afirma que antigamente “a cestaria era mais utilizada pois as pessoas não possuíam muitos recipientes de plástico.” Dentre as funções atribuídas aos seus cestos ele destaca que “eram utilizados pra trabalho de roça, pra pegar cascalho, resíduo da mandioca. E que as vezes juntavam as mulheres na casa de farinha e cada uma enchia aquele cesto de cascalho e levava”. O artesão explica o modo de preparo do bogó (fig.1) um dos tipos de cesto que produzia. O mesmo era utilizado “no animal para transportar alimentos como feijão, mandioca, entre outros alimentos da roça para casa, porém deixou de ser utilizado, pois as pessoas passaram a optar pelo transporte em carros”. Ele também fala da matéria-prima utilizada: o cipó, disponível por toda a região.

De acordo com o relato do artesão, quando a matéria prima é retirada durante o inverno só pode ser utilizada para confecção dos cestos dois dias depois da retirada, isso devido a umidade do cipó durante esse período. Durante as estações do ano mais secas, a confecção pode ser feita um dia depois da retirada. Segundo o artesão, quanto mais seco mais flexível fica o cipó.

Embora o trançado tenha chegado a ser uma forma de obtenção de renda, o artesão informa ter abandonado a prática há oito anos devido à falta de procura. Atualmente só produz esporadicamente, por encomenda para algum pesquisador ou outra pessoa que tenha interesse.



Figura 1 – Artesão Sr. Jonas mostra cesto bogó que produziu alguns anos atrás.

Além do bogó, que pode variar de nome dependendo da região, Sr. Jonas apresenta dois outros cestos feitos com a mesma técnica. Ambos de tamanho pequeno e um deles com alças, usados atualmente para guardar miudezas em sua residência.

Os objetos vendidos no mercado do produtor de São Raimundo Nonato, principalmente chapéus e esteiras, são, segundo vendedores, fornecidos e confeccionados por terceiros vindos de cidades distantes como Picos, de modo que por sair do escopo aqui assumido, não se deu qualquer aprofundamento nestes objetos. Sobre os trançados

produzidos em outras localidades do Estado, em especial na Zona Norte piauiense, pode-se consultar o trabalho de Gomes (2015).

O Sr. Paulo Sousa dos Santos, artesão da localidade Lagoa do Barro, relata que aprendeu a fazer cestaria por volta dos 10 anos de idade com seu pai que aprendeu com o pai dele. E que a produção ainda continua, porém dificilmente para comercialização, de forma que os poucos objetos produzidos são apenas para uso doméstico, não proporcionando, assim, nenhum incremento na economia da localidade. O artesão afirma que havia outras pessoas que se dedicavam a essa prática, porém, igualmente a ele, sem fins comerciais, já que a procura é muito baixa. A matéria prima utilizada para fabricação das peças é o cipó, planta têxtil que está disponível na região. Sr. Paulo informa que produziu três tipos distintos de cestos: o ‘boca pio’ que segundo ele seria “um tipo de roupeiro”, o aió ou cajá que é utilizado na agricultura para transportar o milho, feijão e mandioca da roça para casa assim como o cesto (fig. 2). Alguns destes cestos em tamanho reduzido serviam para uso doméstico. Por fim, informa acerca do desinteresse das novas gerações, citando, inclusive, seus próprios filhos, que nunca quiseram aprender a trançar cestos.



Figura 2 – cestos produzidos por Sr. Paulo há vários anos. Foto: Marcia Castro e Luara Ferreira.

Sr. Raimundo é morador da Comunidade Lagoa das Emas, onde eventualmente produz algum objeto trançado. Essa comunidade localiza-se a cerca de 26 km de São Raimundo Nonato, integrando um dos maiores complexos quilombolas do país, conhecido como Quilombo Lagoas. É formado por cerca de dez comunidades menores, ao longo de um território de 62.365,8 hectares, que abrange seis municípios da bacia do Rio Piauí: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Várzea Branca, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde e Bonfim do Piauí (FARIA, 2016).

Sr. Raimundo relata que aprendeu a produzir cestos com sua avó, tios e a irmã Raimunda, a quem ele costumava acompanhar na caatinga para apanhar cipó, fibra utilizada para fabricação dos objetos. Ele complementa informando que aprendeu sozinho ‘não precisei que ninguém me ensinasse aprendi por mim mesmo desde de menino’, em nossa compreensão explicando que não houve qualquer momento direcionado unicamente para a aprendizagem, e sim, que a aptidão se desenvolveu a partir da observação e da convivência com pessoas que dominavam a prática de trançar. Igualmente aos artesãos das outras localidades visitadas, também relata o desinteresse dos mais jovens pela produção de objetos trançados. E que, há alguns anos os cestos eram muito procurados, pois as mulheres os usavam na agricultura, levavam para roça para apanhar milho, mandioca, melancia. Traziam-nos para casa na cabeça. Atualmente, observa que as pessoas procuram maneiras mais fáceis de realizar essas tarefas. Também associa os objetos trançados ao transporte de alimentos da roça sobre lombo de animais. Segundo o artesão “para retirar mandioca em período de desmancha o meio de transportar era em um aió com um animal, atualmente os meios de transporte utilizados são carro ou carroça... da roça para a casa de farinha. Os animais, portanto, assim como os objetos trançados não são mais utilizados para tal fim. Sr Raimundo complementa: “olha de primeiro a gente arrancava mandioca e trazia nas costas do animal, depois inventaram a carroça, depois o carro, e a gente puxava a mandioca em uma roda de madeira (para ralar), hoje é um motor”. Ele nos mostrou uma peça que era usada juntamente com essa roda de madeira (Fig.3) e disse que a guarda como lembrança para os netos e bisnetos. Ele mostra também sua antiga casa de farinha, que foi a última a funcionar na comunidade, e alguns objetos relacionados ao beneficiamento da mandioca

que ainda restam no local, como o forno (já bastante degradado). Devido à ausência de chuvas o cultivo da mandioca diminuiu substancialmente. Sr. Raimundo afirma ter sido um dos maiores produtores de mandioca da região, juntamente com seu irmão.



Figura 3 – Sr. Raimundo mostra peça de ferro utilizada na produção de farinha. Foto: Marcia Castro e Luara Ferreira.

Sobre a comercialização dos cestos Sr. Raimundo aponta para uma desvalorização dos objetos, haja vista que “quando alguém encomenda algum, quer mais é de graça. Ninguém se interessa nada.” Acreditamos que o desinteresse pela produção de novos utensílios trançados não se deve apenas a mudanças no sistema de transporte da mandioca, mas de modo geral, está associado ao declínio do cultivo.

Para além da mandioca, Sr. Raimundo descreve outras utilidades para os objetos trançados na região: “apanhar feijão na roça, milho... faço umas cestinhas pequenas pra se quiser sair com ela no braço para ir à feira... as meninas mandam fazer para colocar agulha, tubo de linha, para uso doméstico”. O artesão menciona a existência, há vários anos, de uma feira na praça do relógio em São Raimundo Nonato-PI, em que ele vendia farinha. Os objetos trançados, segundo Sr. Raimundo, não eram levados comercialização, apenas para transportar a farinha que seria vendida, mas, segundo ele, se levasse para tal

fim, facilmente conseguiria vendê-los. Ainda que a produção cesteira não atribuísse renda para o artesão da área do Quilombo Lagoas, eventualmente pessoas da própria comunidade adquiriam os objetos.

A análise técnica da produção cesteira de três áreas rurais dos municípios de São Raimundo Nonato e São Lourenço do Piauí, revelam a escassez de uma variabilidade, na medida em que todas as peças apresentadas pelos artesãos foram confeccionadas com a técnica cruzada 1/1, na forma que Ribeiro (1985) descreve como arqueado. Os excessos das fibras foram reinseridos no interior da peça como uma espécie de reforço estrutural. A matéria prima utilizada é a mesma também, o cipó. Contudo, diferentes espécies de cipó podem ter sido utilizadas, fator que somente um estudo anatômico das fibras poderia determinar. Tampouco as tiras de cipó passaram por processos transformativo, além da secagem. Ao que nos parece os artesãos não estavam preocupados com a obtenção de um produto com elevado valor estético, e sim com a sua funcionalidade, na medida em que não investiram grande energia na sua produção. O trabalho com a fibra do caroá, de acordo com Martin (2006) presente na maioria das comunidades do interior do nordeste, parece estar atualmente ausente na região investigada. É possível que tenha se perdido devido o falecimento dos artesãos que se dedicavam a explorar tal matéria prima.

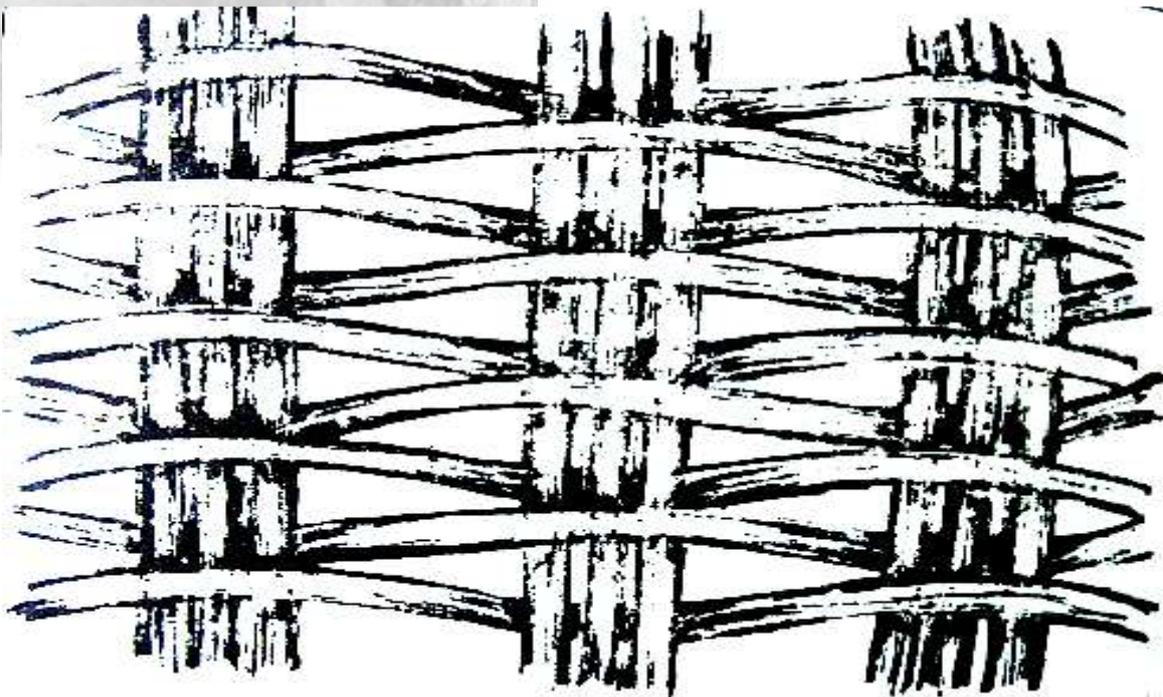


Figura 4 - Variação da técnica cruzada comum na região, também denominada por Berta Ribeiro trançado arqueado. Fonte: Ribeiro, 1988.

Localidade	Artesão	Técnica de trançar	Função por objeto
Lagoa do Barro	Sr. Paulo Sousa Santos	Cruzado	Boca pio – tipo de roupeiro. Aió, cajá – transporte de milho, feijão e mandioca.
Quilombo Lagoas	Sr. Raimundo Pereira Marques	Cruzado	Aiό. Cestinhas pequenas para levar a feira e guardar utensílios de costura.
Fachadão	Sr. Jonas	Cruzado	Bogό - transporte de mandioca.

Quadro 1 – Identificação das técnicas e usos de cada artesão e respectiva localidade.

CADEIA OPERATÓRIA DA PRODUÇÃO DE TRANÇADOS NA LOCALIDADE LAGOA DAS EMAS

A inexistência de recursos financeiros dificultou uma análise ampla da cadeia operatória dos artefatos produzidos em todas as comunidades, na medida em que grande parte dos artesãos se motivam a confeccionar exemplares mediante a sua aquisição pelo pesquisador. A cadeia operatória de um artefato é composta pela sequência das etapas de produção, desde a coleta das fibras até o uso/descarte/venda. (LEMONNIER, 1992). Segundo Silva (2009:132):

Durante a pesquisa de campo, o etnoarqueólogo tem uma preocupação com o detalhamento das cadeias operatórias de produção dos itens materiais, descrevendo os processos tecnológicos desde a obtenção das matérias-primas até a confecção do produto final, seu uso, armazenagem e descarte, sempre atento aos vestígios materiais resultantes de todos esses processos.

Assim, nosso trabalho se constituiu em observar em sua maioria, exemplares antigos, não acompanhando o processo de produção destes artefatos, já que este tem sido

praticamente abandonado pelos artesãos das comunidades visitadas, que elegeram outras prioridades no seu cotidiano. Contudo, na comunidade Lagoa das Emas, o Sr. Raimundo oportunizou a um de nós (LFL) observar, documentar e até mesmo participar das principais etapas de confecção de um cesto/balaio de cipó.

A técnica extremamente simples, mostra que a produção desses objetos deveria ter, enquanto foi praticada, principalmente motivações de ordem funcional, como exposto anteriormente. Aparentemente não houve intuito de produzir motivos decorativos e tampouco existe narrativas vinculadas ao processo, como diversas pesquisas etnoarqueológicas destacaram para o caso de populações ameríndias (GUSS, 1992; VELTHEM, 2007). Abaixo é possível observar o passo a passo da produção do cesto pelo Sr. Raimundo (fig.5). O processo se inicia pela coleta das fibras na mata ao redor da comunidade, após um descanso de em média dois dias, se dá o corte das tiras, logo após as tiras que vão formar o olho do cesto são sobrepostas em “x”, para em seguida dar-se continuidade através da inserção intercalada das fibras na estrutura que começa a formar a armação do cesto, em seguida as sobras das tiras são reinseridas na armação, de modo a formar um acabamento na parte superior do cesto em formato de arco ou semicírculo. Por último corta-se quaisquer imperfeições que tenham ficado ao término do processo. Como relatado o cesto documentado foi produzido por cortesia do artesão especificamente para o nosso trabalho. Logo, ao final da confecção o cesto foi doado ao Laboratório de Arqueologia Pré-histórica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde está atualmente exposto.

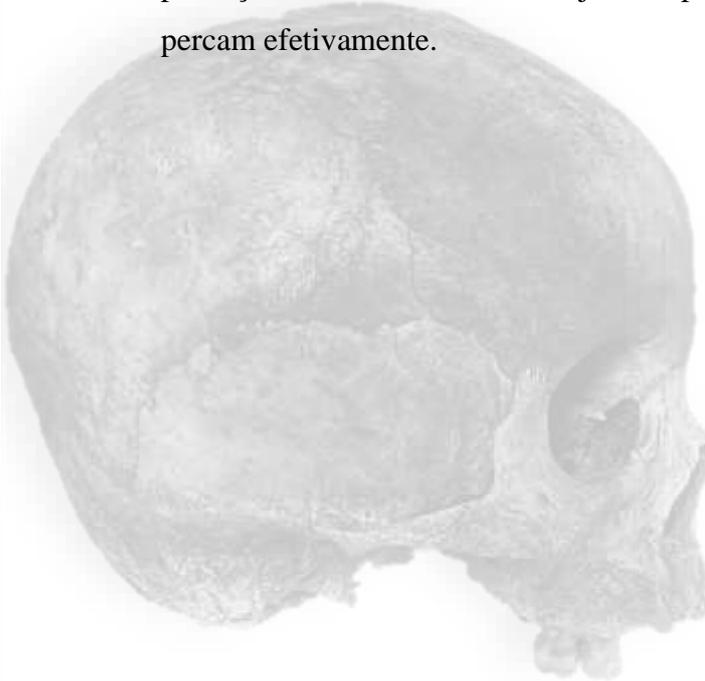


Figura 5- Sequência de produção de cesto com Sr. Raimundo (Lagos das Emas). A) coleta do cipó; b) corte das tiras; c, d) montagem da armação do cesto desde o olho; e, f) passagem das fiadas; g) reinserção da sobra das tiras na própria estrutura e formação de acabamento semi-circular; h) arremate da peça; i) objeto finalizado. Fotos: Marcia Castro. Edição: Rodrigo Lessa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da sua relevância para as comunidades tradicionais, e de seu domínio advir da pré-história, sobrevivendo a devastação promovida pela colonização, o estudo da arte de trançar fibras vegetais tem ocupado um lugar apenas marginal na literatura brasileira. É possível contar-se nos dedos os trabalhos que se dedicam a este tema. Essa pesquisa buscou, portanto, identificar artesãos que se dedicassem a tal prática na região Sudeste do Piauí e, conseqüentemente, compreender minimamente suas técnicas de produção, bem como a relevância de tais objetos dentro das comunidades. Infelizmente, constatou-se algo que já se suspeitava: assim como em outras regiões com influência indígena ou africana, a prática de trançar fibras vegetais, outrora tão valorizada, vem se perdendo. Na medida que as comunidades adotam materiais ordinários como o plástico e as ligas

metálicas industrializadas em seu lugar. Essa substituição reflete em alguns casos a adoção da praticidade em detrimento da interação com o meio ambiente e de valores tradicionais, defendidos e mantidos apenas pelos moradores e artesãos idosos de tais comunidades. Na região estudada observou-se que praticamente não se produz mais objetos trançados, uma vez que, com exceção daquele produzido na Lagoa das Emas, os poucos demonstrados pelos artesãos e colaboradores foram feitos e estão em uso já há vários anos. A expectativa é que trabalhos futuros de educação patrimonial e conscientização das populações possibilitem uma revalorização dos conhecimentos tradicionais, principalmente pelos mais jovens, e que conhecimentos milenares como a produção de cestos e outros objetos a partir da manufatura de fibras vegetais não se percam efetivamente.



REFERÊNCIAS

ADOVASIO, J. 1977. **Basketry Technology: a guide to identification and analysis.** Chicago: Aldine.

COSTA, R. L. 2016. **Palha e tala: estudo da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos brasileiros.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ.

COSTA, R. L. & LIMA, T. A. 2016. **A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: a cestaria dos Sítios Alcobaça e Furna do Estrago.** Clio arqueológica. V.31, N.2. p. 102-152.

FARIA, A. T. D. P. de. 2016. **Comunidade Quilombola Lagoas.** Coleção Terras de Quilombos. Belo Horizonte: FAFICH.

GOMES, G. C. 1990. **Sobre o saber, o fazer e o trançar: arte, técnica e recorrência do trançado de fibras do Estado do Piauí.** Dissertação de Mestrado. Teresina: UFPI. 2015.

GUSS, D. M. **To weave and sing: art, symbol and narrative in the South American Rain Forest.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 274 p.

LEMONIER, P. 1992. **Elements for an anthropology of technology.** *Anthropological Papers*, n. 88.

MARTIN, G. 2006. **Pré-história do Nordeste.** Recife: Editora Universitária UFPE.

NORA, P. 1993. **Entre Memória e história: a problemática dos lugares.** Proj. história v. 10.

O'NEALE, L. 1987. **Cestaria.** In: D. Ribeiro (ed.) *Suma etnológica Brasileira.* Petrópolis: Vozes.

RIBEIRO, B. 1988. **Dicionário do artesanato indígena.** Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia.

SILVA, F. A. 2009. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material.** Métis: história & Cultura. V. 8, n. 16, p. 121-139.

VELTHEM, L. V. 2007. **Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar.** Revista de Estudos e Pesquisas (Fundação Nacional do Índio), v. 4, p. 117-146.